



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares

Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 847-862, ago./dez. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

---

## DIFICULDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM: um estudo na sala de reforço<sup>1</sup>

**Jéssica Karine Perius**

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

### RESUMO

Este artigo discute as aulas de reforço: as percepções dos alunos. Teve por objetivo identificar como os alunos que frequentam percebem a sala de reforço, buscando um olhar mais atento para entender como esse apoio pedagógico auxilia na alfabetização, nas aprendizagens desses alunos. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, observação a campo e um questionário com alunos da sala de reforço. O aparato teórico está amparado por Emília Ferreiro, Marcia Cristina Silva Bernardino. Constatou-se que na sala de reforço pesquisada pouco se observa uma prática educativa voltada para desenvolvimento de uma alfabetização na perspectiva emancipatória que uma sala de reforço exige.

**Palavras-chave:** Sala de reforço. Dificuldade de aprendizagem.

### 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento escolar é compreendido como uma construção baseada no encontro entre diferentes tipos de conhecimento, saberes cotidianos que alunos e professores trazem de suas vivências familiares e sociais, do meio em que estão inseridos conceitos, elementos estéticos e culturais.

---

<sup>1</sup>Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DIFICULDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM: Um estudo na sala de reforço**, sob orientação da Ma. Ivone Jesus Alexandre; Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/1.

É sabido que o reforço escolar faz parte de propostas políticos-educacionais que são implantadas pelo sistema educacional brasileiro como forma de evitar o fracasso escolar e conseqüentemente a evasão, tendo como objetivo oportunizar a aprendizagem de alunos de acordo com suas necessidades, seu ritmo, e suas potencialidades, auxiliando e ampliando seus conhecimentos de forma contínua. Sendo uma ação pedagógica que visa à melhoria da qualidade do ensino, o reforço adquire um papel importante na organização do sistema de ensino e em toda esfera educacional, caracterizado pelas diretrizes legais e articulado na ação escolar a que está submetido.

A presente proposta de pesquisa buscou analisar e discutir as implicações do reforço escolar como estratégia de política permanente para auxiliar o processo ensino aprendizagem em crianças do ensino fundamental de uma escola do município de Sinop/MT. Para tanto, partiu-se da análise da referida escola no intuito de averiguar os impactos desta política educacional acerca da qualidade na aprendizagem dos alunos, como se configura a proposta de reforço escolar considerando alguns elementos que fazem parte desta na prática.

## **2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: definição nesse estudo**

Podemos definir dificuldade de aprendizagem como uma incapacidade apresentada por algumas pessoas diante de novas situações, que podem ser desencadeadas por vários fatores.

A aprendizagem não ocorre da mesma maneira para todas as crianças, dependendo da forma como o processo de ensino é trabalhado, a criança pode não conseguir acompanhar, e pode não desenvolver as suas potencialidades.

A criança começa a desenvolver a aprendizagem antes mesmo de entrar na escola, por meio do mundo em que vive. Ao ser inserida no ambiente escolar, a criança se depara com o novo, com atividades que ainda não tinha conhecimento, algumas crianças podem encarar esse novo desafio com dificuldade, justamente por ela ainda não conhecer.

Como o objetivo mais importante nos anos iniciais se pauta em ensinar a ler e escrever, as crianças com dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita necessitam de uma atenção especial.

A aprendizagem de forma geral exige das crianças novas habilidades, que até então muitas não haviam nem visto, apresentando novos desafios a criança em relação ao seu conhecimento. Por isso aprender a lidar com a nova forma de aprendizagem se torna uma tarefa difícil não só para as crianças que possuem dificuldade, mas também para todos os envolvidos no processo.

Existem significativas vertentes de análise sobre dificuldades de aprendizagem com crianças das chamadas classes populares. Segundo Bernardino (2009, p. 26):

Certos aspectos da vida familiar da classe baixa tendem a minar a autoconfiança e a segurança emocional da criança desencorajando o seu desenvolvimento intelectual. Estas diferenças refletem-se em desajustamento emocional e progresso escolar inferior por parte da criança de classe baixa.

Com isso, cria-se a ideia de que as crianças passam a expressar sua falta de atenção em casa com um mau andamento das atividades escolares. Porém devemos considerar o quanto a didática utilizada pelos professores na sala de aula implica na forma como os alunos vêm desenvolvendo e criando seu próprio conhecimento.

O processo de aprendizagem vai muito além da leitura e escrita, são saberes adquiridos no cotidiano e apenas tem continuidade no início da escolarização, assim fica nítido o melhor desempenho tanto na aprendizagem quanto no domínio de si mesmo da criança que recebe estímulo durante toda a vida.

## 2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA SALA DE REFORÇO

Quando uma criança entra no ensino fundamental, as expectativas são de que a criança aprenda de uma maneira rápida a leitura e escrita, porém, nada é feito para aqueles que acabam não acompanhando o desenvolvimento dos outros. Para que a criança desenvolva as habilidades necessárias para uma boa aprendizagem é preciso que a escola e os professores lhe proporcionem um ambiente agradável e que criem um clima de confiança, respeito e cordialidade. Segundo Scortegagna e Levandowski (2004), houve predominância dentre os encaminhamentos, de crianças

cursando a segunda série do ensino fundamental (atual 3º ano), ou seja, ainda em processo de alfabetização, decaindo o número destas conforme avançam as séries.

Desse modo quando algumas crianças não apresentam o desempenho esperado pela escola, de uma maneira estabelecida, considerado padrão e ideal, estas são vistas como “anormais”, como se tivessem algum transtorno. Nesse sentido, por muito tempo denominou-se crianças com fracasso escolar por chamadas disfunções psiconeurológicas de aprendizagem da leitura e escrita.

Tasca (2006 p. 09) afirma que “tereis que estudar cada aluno e diferenciá-los”, considerando que dentro da sala de aula irão existir diferentes tipos de inteligência, onde cada criança irá demonstrar seus diferentes tipos de inteligência.

Por isso se faz necessário um espaço diferenciado na escola. Quando todos não acompanham da mesma maneira o processo de alfabetização, e os alunos não conseguem aprender, eles devem ser encaminhados para sala de recurso, a qual chamamos também de sala de reforço, onde recebem um atendimento diferenciado, mais direcionado as suas necessidades. Conforme a definição de Mazzotta (1982, p. 48):

A sala de recursos, como o ensino itinerante, é uma modalidade classificada como auxílio especial. Como o próprio nome diz, consiste em uma sala da escola, provida com materiais e equipamentos especiais, na qual um professor especializado, sediado na escola, auxilia os alunos excepcionais naqueles aspectos específicos em que precisam de ajuda para se manter na classe comum. O professor da sala de recursos tem uma dupla função: prestar atendimento direto ao aluno e indireto através de orientação e assistência aos professores da classe comum, às famílias dos alunos e aos demais profissionais que atuam na escola. Mediante esta modalidade de atendimento educacional, o aluno é matriculado na classe comum correspondente ao seu nível de escolaridade. Assim sendo, o professor especializado deve desenvolver o seu trabalho de forma cooperativa com os professores de classe comum.

As salas de reforço são frequentadas por alunos com dificuldade de aprendizagem. No caso da alfabetização muitos alunos não conseguem sequer reconhecer as letras do alfabeto. Nessas salas nos deparamos com alunos totalmente copistas.

As salas de reforço que deveriam fazer parte das unidades escolares precisariam visar a formação humana contribuindo para a superação de dificuldades específicas de cada um, entendida essa como dificuldade pois a criança não

corresponde a expectativa de aprendizagem para sua respectiva idade. Para Salvador (1994, p. 136-137), “[...] a concepção construtivista da aprendizagem escolar se refere à atividade mental do aluno na base dos processos de desenvolvimento pessoal que a educação escolar deve promover”.

No sistema de ensino, seja público ou privado, é comum encontrarmos alunos com dificuldades de aprendizagem, alunos estes, que não acompanham de forma precisa as atividades propostas no dia a dia da sala de aula. Acabam ao longo da vida escolar tendo consequências acerca de suas limitações, sentindo-se inferiores, incapazes, baixa autoestima, em relação ao ritmo e ao processo de aprendizagem.

Na maioria das vezes este aluno acaba sofrendo pressão da família, dos amigos e uma auto cobrança de si mesmo e acaba desistindo dos estudos, a medida que for crescendo. É decorrente desta situação que o programa de reforço atua como ferramenta indissociável no processo ensino aprendizagem, articulado nas ações pedagógicas, rompendo barreiras das desigualdades tão presentes no cotidiano escolar e proporcionando alternativas para o desenvolvimento dos alunos e suas habilidades.

Focando nas potencialidades exclusivas desse aluno, ou seja, o aluno pode não ser bom em determinada disciplina, mas pode se sobressair em outra, cabe ao profissional descobrir através das ações pedagógicas articuladas nas aulas de reforço às potencialidades de cada aluno e explora-las, de tal modo que este consiga desenvolver-se.

A não alfabetização é um dos motivos pelos quais os alunos não conseguem acompanhar a sala de aula regular, e na medida que não conseguem ler não conseguem avançar nos outros conhecimentos. Ler é a base de tudo, não tem como resolver adição, subtração, ler um texto de história ou ciências sem saber ler. Os indicadores apontam que 2 crianças não conseguem ler.

Há um crescente denuncia e preocupação com o problema da não alfabetização convencional, pois os alunos que antes ficaram retidos hoje não podem mais, isso fez com que o problema da alfabetização não ficasse mais como responsabilidade dos alunos e sim também dos problemas socioeconômicos e estruturais da escola, sem esquecer da formação deficitária dos professores no que concerne a alfabetização.

### **3 CAMINHOS DA PESQUISA: campo e sujeitos**

Esta pesquisa teve como premissa analisar como são concebidas as estratégias que buscam auxiliar o processo ensino aprendizagem, o reforço escolar. O trabalho destinado ao de reforço escolar no ano letivo de 2017, atendendo as turmas, tem o intuito de minimizar as causas de repetência escolar, baixo rendimento, evasão e principalmente melhorar a qualidade de seu ensino, bem como melhorar de forma significativa a vida escolar e social de seus alunos.

A pesquisa se orientou pela abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994, p. 22) esse tipo de pesquisa permite compreender com profundidade o “mundo dos significados das ações e relações humanas que é um lado não perceptível e captável em equações médias e estatísticas”.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos inseridos no reforço escolar da escola Estadual, que aqui chamaremos pelos nomes fictícios de Gilmar Fonseca.

O estudo teve como enfoque o reforço escolar realizado pela escola como estratégia para auxiliar o processo de ensino aprendizagem dos alunos que apresentavam dificuldades na aprendizagem. São sujeitos dessa pesquisa os alunos, do 5º ao 7º ano e participam do projeto no contra turno e serão identificados nesse trabalho por letras do alfabeto.

Os questionários foram aplicados com o objetivo de colher indicadores que permitissem entender como a professora percebe as práticas de alfabetização, para poder intervir de modo a auxiliar o aluno, e ao mesmo tempo em que esse reforço possa estar dentro dos conteúdos que são trabalhados em sala.

A sala de reforço é um ambiente que oportuniza o desenvolvimento cognitivo da criança, sendo uma ferramenta auxiliar do desenvolvimento dos alunos.

Durante o período de observação verifiquei que a sala onde são ministradas as aulas de reforço é uma sala onde funcionava o antigo laboratório, que a professora da sala, juntamente com as crianças, utiliza quando fazem alguns trabalhos com tintas e afins. A sala tem poucas carteiras, um quadro branco, e alguns livros na parte de trás da sala em armários abertos, também algumas decorações e um alfabeto ilustrado. O ambiente não é climatizado e teto tem muitas goteiras no período da chuva.

O ambiente descrito demonstra que a escola se preocupa com aprendizagem dos alunos e procura buscar encontrar meios, improvisados, porém reorganizados dentro do ambiente escolar. Observei trabalho com textos que contenham imagens, histórias que despertem a curiosidade, a imaginação, a criatividade, ou seja, que instiguem as crianças, para que em um dado momento, estar na sala de reforço seja prazeroso e que parta dela a vontade de estar inserido nessa sala.

Quanto às atividades desenvolvidas nas salas de reforço, são variadas, mas enfocando sempre nas matérias de português e matemática, de preferência conteúdos que estejam aliados ao que a professora de sala está trabalhando.

#### **4 MAIS QUE UMA SALA DE “REFORÇO”, UMA SALA DE APOIO PEDAGÓGICO AOS ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS**

Nesta pesquisa todos esses momentos, que ficam marcados em nossa memória, nos ajudam a criar hipóteses e reflexões, são levantadas dúvidas e/ou reafirmadas convicções. Sendo assim, sobre esta etapa André (1997, p.6), corrobora:

É o momento de fazer as mediações entre a teoria e a experiência vivida em campo, de dialogar com os referenciais de apoio, de rever princípios e procedimentos e fazer os ajustes necessários. [...] Isso leva, mais uma vez, o pesquisador a dialogar com a teoria e com os dados, num movimento de vaivém que envolve rearranjos, recomposições, abstrações e que culmina em nova estruturação do real.

Portanto, como aludido anteriormente, continuo minha análise a partir dos dados coletados, esmiuçando cada detalhe.

##### **4.1 ESCOLA CAMPO DA PESQUISA**

Diante da necessidade de conhecer a realidade das crianças frequentadoras da sala de reforço, foi estabelecido um questionário buscando atingir os objetivos da pesquisa para que pudesse posteriormente ser contemplado e analisado o meio ao qual estas crianças estão inseridas. O atendimento na sala de reforço acontece no

período matutino e vespertino, sendo realizado de acordo com o horário oposto à aula do aluno.

Em relação à quantidade de alunos atendidos são quatro por horário, a professora é somente para esta função, portanto atende aos dois períodos. Nas paredes da sala de reforço tem fixadas as vogais e as sílabas, e quando precisam as crianças consultam os cartazes para realizar a escrita, as silabas, para só posteriormente inserir palavras, frases e textos. Sobre essa forma de ensino Ferreiro e Teberosky (1986, p. 21) conceituam como o método tradicional de ensino, que seria o método sintético que consiste fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre som e grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo.

As estratégias analíticas já iniciam com a complexidade da língua, letras, sílabas, fonemas, como as próprias autoras argumentam (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 23). “O método analítico é o reconhecimento global das palavras ou das orações; a análise dos componentes é uma tarefa posterior”.

Essa estratégia de alfabetização é bastante utilizada por professores alfabetizadores, para a inserção da leitura e da escrita, tendendo tornar a criança alfabetizada. Embora as aquisições dos códigos linguísticos sejam difíceis, tais estratégias servem de apoio ao professor, ressalto ainda que tais estratégias não servem para determinar a aquisição da leitura e da aprendizagem, são apenas estratégias de ensino.

Acrescento que embora as autoras se refiram a métodos, prefiro mencionar estratégias, pois, nem todas as atividades que darão certo com determinado aluno, darão com todos, sendo assim é necessário, sempre utilizar-se de diversas estratégias que busquem viabilizar o processo de ensino aprendizagem na alfabetização, considerando que cada aluno aprende de maneira de diferente e em tempos diferentes.

Observei o uso de atividades fotocopiadas, geralmente partia do que a criança já conseguia dominar, em que a criança desenvolvia algumas atividades sozinhas, e outras com a intervenção da professora.

As atividades para as crianças atendidas, geralmente eram as mesmas, também havia jogos diversos, para trabalhar a memorização como quebra-

cabeças, que pertencem a escola, dependendo da dificuldade do aluno, seja na leitura, ou na matemática, ressaltando que embora esses jogos estivessem disponíveis a professora eram poucos usados.

#### 4.2 Perfil dos alunos e de seus pais

Diante a necessidade de conhecer a realidade dos alunos que frequentam a sala de reforço, foi estabelecido um roteiro de entrevistas, onde pudesse ser contemplado e analisado o meio em que estas crianças estão inseridas. Faz-se necessário dizer ainda que, para a pesquisa, utilizei de nomes fictícios para os alunos e para a escola, preservando a identidade dos alunos e escola pesquisada.

Segue a tabela com o perfil dos alunos.

Quadro 1 - Características dos alunos de sala de reforço da escola pesquisada

ANO	Nº DE ALUNOS	COR <sup>2</sup>			GÊNERO		IDADE		
		Negros	Pardos	Branco	F	M	10	11	12
4 <sup>a</sup>	02		02	0	0	02	02	0	0
5 <sup>a</sup>	02		02	0	0	02	0	02	0
6 <sup>a</sup>	03	03		0	0 1	02	0	0	03
7 <sup>a</sup>	01	01		0	0 1	0	0	0	01
<b>TOTAL</b>	<b>08</b>	<b>08</b>		<b>0</b>	<b>0 2</b>	<b>06</b>	<b>0</b>	<b>02</b>	<b>04</b>

A partir dos dados apresentados acima, pode-se perceber a prevalência dos alunos que se declararam serem de cor parda nas salas de reforço. Nogueira (2002, p. 13) afirma que:

O racismo no Brasil ao longo dos séculos consolidou-se com um dos instrumentos mais eficientes e eficazes de controle social. Controle, como conjunto de recursos materiais e simbólicos de que a sociedade dispõe para assegurar a conformidade do comportamento dos indivíduos. Portanto, o

<sup>2</sup> Utilizamos nesse trabalho as categorias de cor utilizada pelo IBGE: preta, parda, indígena e branca.

racismo no Brasil é estrutural e se manifesta nas instituições e comportamentos dos indivíduos.

Sendo assim, o aluno negro, que são maioria de baixa renda considerando as desigualdades raciais, e sua família, com pouca escolarização, resultado desse ciclo que exclusão acaba carregando um fardo muito maior em relação ao fracasso escolar, que muitas das vezes lhe é apresentado como um modelo de vida a ser seguido sem nenhuma saída.

Nossos sujeitos da pesquisa são na maioria, filhos de pais semianalfabetos, isto é tem pouca escolaridade. São pais que moram na maioria da zona rural e são alunos de baixo estrato social. Em relação a aprendizagem, a maioria dos alunos, tem dificuldade de alfabetização e conseqüentemente no conhecimento lógico matemático, pois como não conseguem ler não conseguem também entender os enunciados dos problemas e das atividades que lhes são solicitados em sala de aula.

Em relação à autoestima dos alunos, a partir das respostas apresentadas pode-se perceber o quanto todos possuem uma baixa autoestima e sem indícios de melhoria na vida escolar e social. Quando perguntado se gosta de frequentar a sala de reforço veja o que respondem:

**(01) Aluno M:** Para quando você não sabe de quase nada a professora daqui ensina melhor. Venho aqui pra aprender coisas que eu não sei. Não sei continha de divisão.

Esses alunos não são uma tábula rasa, possuem conhecimento anterior a escola, porém não acredita não saber de nada porque seu conhecimento prévio não é valorizado e pela forma como lhe é imputado a responsabilidade pelo seu fracasso escolar, geralmente a culpa da não aprendizagem acaba sendo somente dele.

Os resultados altamente insuficientes de ensino, muitas vezes são traduzidos, seja no discurso das pessoas, seja no ato da reprovação-como problema de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos e não do ensino que impedem ou dificultam muitas vezes não somente o sucesso e a inclusão escolar, mas a cidadania protagonista. (ROJO, 2009, p. 28-29).

Muitas vezes o professor regente demonstra ao aluno que ele não se esforça, e o aluno acaba internalizando que não sabe, não aprende porque não quer, não se esforça o que pode causar bloqueios cognitivos graves nos alunos. Na mesma perspectiva, outro aluno responde da seguinte maneira quando perguntado sobre o que ele tem maior dificuldade:

**(02) Aluno M:** Continha de divisão e tem letra que eu erro no texto por que eu me confundo.

Considerando que a maioria dos alunos tem a mesma fala em relação as matérias de estudo, constata-se que onde se encontram as maiores dificuldades são nas matérias de português e matemática.

Os alunos possuem muita dificuldade na alfabetização, tem dificuldade em ler convencionalmente. O que reflete nas demais disciplinas e acaba fazendo com que os mesmos não consigam superar esse problema, pois não conseguem ler os enunciados dos problemas dos exercícios.

Observa-se que essas disciplinas são as que mais ocupam os horários na carga horária semanal dos alunos tanto na sala de reforço quanto nas aulas da sala “normal”, o que é uma pena pois as áreas do conhecimento como história e ciências naturais não são consideradas importantes em comparação a estas citadas pelas professoras e alunos.

Quando perguntado em relação a gostarem de participar das aulas de reforço, obtive como resposta:

**(03) Aluno D:** Porque eu aprendo mais. O reforço faz a gente aprender mais matemática, português, leitura, produção de texto, interpretação, faz com que os alunos fiquem ainda mais espertos, pois vindo à escola mais vezes eu posso aprender mais, principalmente as coisas que às vezes eu não consigo fazer, lá na sala, as duas salas são boas, mais aqui é menos gente sabe? Dá pra gente se concentrar mais, eu acho.

Partindo dessa fala, pode-se observar a questão da quantidade de alunos por sala, que no ensino regular os professores tem que ensinar, são em média 27

alunos por turma. As crianças pesquisadas tendem a concentrar-se mais quando o ambiente está mais tranquilo.

Quando perguntado ao aluno sobre como ele descreve as aulas na sala responde:

**(04) Aluno A:** La na sala não é legal por que tem muita gente conversando e não da para aprender nada.

Já quando questiono sobre a sala de recurso ele responde:

**(05) Aluno A:** Aqui é legal porque tem pouca gente.

Na sala de aula, por ser turmas heterogêneas, alguns alunos terminam primeiro, outros demoram mais, cada um em seu ritmo. Nesse sentido, é preciso organizar o planejamento de acordo com o horário, aqueles alunos que demoram mais para realizar as atividades acabam deixando incompletas ou acabam copiando do colega.

Deve-se considerar ainda, o diálogo que os professores têm entre si, ou seja, professores da sala regular precisam conhecer o que o professor da sala de reforço está organizando de material pedagógico para seu aluno, para que haja contextualização do que está sendo ensinado.

A sala de reforço não pode ser uma réplica da sala de aula, ela precisar ter suas metodologias diferentes, caso contrário, não despertará o desejo de aprender. A didática deve ser diferente, pois um fator para o êxito da sala de reforço está no modo como o professor irá organizar essa aula. Porém, não é isso que acontece, pelo contrário a maneira como são apresentadas as aulas de reforço é apenas uma extensão da sala de aula regular, o que não apresenta estímulo algum para os alunos.

Indago os alunos em relação as amizades que eles têm na sala de reforço, alguns preferem não responder, outros responderam:

**(06) Aluno D:** Eu não tenho amigos.

**(07) Aluno A:** Não tá vindo nenhum amigo meu.

A relação uns com os outros, mesmo sendo de turmas diferentes precisaria haver relações de afinidades, pois estão ali com um propósito: o de aprender. O compartilhar saberes e aprendizados e principalmente dúvidas faz-se necessário para essas crianças.

Quando pergunto se gostam das aulas de reforço, percebo que as crianças percebem que têm alguma dificuldade, mas que não sabem ao certo, porém na sala de reforço a professora explora a dificuldade do aluno, objetivando sanar tal dificuldade.

**(08) Aluno A:** Sim, para melhorar a letra.

Muitas vezes a criança vai para sala de reforço, achando que tem dificuldades em determinadas áreas, mas com uma atenção voltada somente para o aluno, não é apenas para melhorar a letra, mas sim, desenvolvê-la, de várias formas, escrita, leitura, interpretação. Se o trabalho da sala de reforço fosse desenvolvido de maneira conjunta com o da sala de aula, com certeza o rendimento dos alunos seria melhor.

## **5 CONCLUSÃO**

Um dos objetivos da educação é propiciar oportunidades para os alunos adquirirem autonomia, para se desenvolverem como sujeitos histórico e social, sendo capazes de interpretar e transformar sua realidade. A educação se constitui como uma ferramenta fundamental para este fim, e principalmente para assegurar propostas educativas que viabilizem seus objetivos em prol de uma educação de qualidade e para todos.

Refletindo sobre o objeto que refere esta pesquisa, foi possível compreender a importância de políticas educacionais eficazes para a melhoria da educação, especificamente no caso da sala de reforço escolar como uma estratégia importante para auxiliar o processo ensino aprendizagem, essa se torna uma ferramenta tanto para o professor na sala regular, mas principalmente para o aluno.

O programa de reforço escolar foi uma ação adotada pela atual conjuntura da referida escola, a fim de corroborar na qualidade do seu ensino, bem como em seus índices.

Atualmente os sistemas de avaliação de ensino tem demonstrado que o número de alunos que não sabem ler, escrever e resolver as operações básicas são assustadores. E preciso políticas públicas que atendam essa demanda desde a universidade.

Sendo assim podemos presenciar que na sala de reforço pesquisada pouco se observa uma prática educativa voltada para desenvolvimento de uma alfabetização na perspectiva emancipatória que uma sala de reforço exige. Os alunos que frequentam a sala de reforço confirmam a prática tradicional de aulas que são iguais as trabalhadas em sala de aula regular, as atividades propostas pela professora de reforço pouco consideram as dificuldades individuais dos alunos, a maioria tem dificuldades na leitura, porque não adquiriram conceitos de leitura e escrita e conceitos lógicos matemáticos, conceitos de construção de número, numeral, resolução de problemas que são as áreas que mais são trabalhadas nessas aulas.

**TEACHING AND LEARNING DIFFICULTY:  
a study at the remedial education classroom**

**ASBTRACT<sup>3</sup>**

This article discusses remedial education classes, focusing on students' perceptions. It aimed to identify how the students who attend remedial classes perceive the classroom, seeking for a closer look in order to understand how this pedagogical support helps in literacy and in the learning process of these students. Bibliographic research, field observation and a questionnaire with students from remedial classes were carried out; the theoretical apparatus is supported by Emília Ferreiro, Marcia Cristina Silva Bernardino. In conclusion, it was possible to find out that in the searched remedial education classroom little is observed in reference of

---

<sup>3</sup> Resumo traduzido pela professora Mestra Betsemens B. De Souza Marcelino, Curso de Letras, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), UNEMAT.

an educational practice focused on the development of a literacy in the emancipatory perspective which a remedial class demands.

**Keywords:** Remedial education Classroom. Learning difficulty.

## REFERÊNCIAS

ALUNO A. **Aluno A:** Depoimento [jan 2017]. Entrevistadora: Jéssica Karine Perius. Sinop: UNEMAT, 2017. 1 f. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre ensino e aprendizagem.

ALUNO D. **Aluno D:** Depoimento [jan 2017]. Entrevistadora: Jéssica Karine Perius. Sinop: UNEMAT, 2017. 1 f. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre ensino e aprendizagem.

ALUNO M. **Aluno M:** Depoimento [jan 2017]. Entrevistadora: Jéssica Karine Perius. Sinop: UNEMAT, 2017. 1 f. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre ensino e aprendizagem.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BARRETO, E. S. Bons e Maus Alunos e suas famílias, vistos pela professora de 1º grau. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 37. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1981.

BERNARDINO, Márcia Cristina Silva. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita na primeira série do ensino fundamental**. Disponível: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/monografias/Marcia%20C.%20S.%20Bernardino.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MAZZOTTA, Marcos José Da Silveira. **Fundamentos de Educação Especial**. São Paulo: Pioneira, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, João Carlos. A construção dos conceitos de raça, racismo e a discriminação racial nas relações sociais. In: **Núcleo de Estudos Negros**. Série pensamento Negro e Educação, caderno 08, 2002.

SALVADOR, Cesar Coll. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SCORTEGAGNA, P.; LEVANDOWSKI, D. C. Análise dos encaminhamentos de crianças com queixa escolar da rede municipal de ensino de Caxias do Sul. **Interações**, 9 (18), 127-152, 2004.

ROJO, Roxane Helena R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

TASCA, Maria. **Suportes Linguísticos para a alfabetização**. Rio Grande do Sul: Sagra, 2006.

Correspondência:

**Jéssica Karine Perius**. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [jessica-perius@hotmail.com](mailto:jessica-perius@hotmail.com)

Recebido em: 17 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.